

ENTRE O QUE É E O QUE SERÁ

BETWEEN WHAT IS AND WHAT WILL BE

Anamaria Fernandes Viana¹

<https://orcid.org/0000-0001-5695-2244>

Recebido: 30/04/2023

Aprovado: 30/06/2023

Publicado: 31/12/2023

DOI: 10.5965/235809252712023e4609

RESUMO

Esse artigo discorre sobre reflexões acerca de processos de transmissão que procuram abarcar a multiplicidade de corpos a partir de alguns princípios que atentam para as particularidades de cada pessoa. A partir da experiência da autora em dança com grupos de pessoas *minorizadas* e estigmatizadas, discute-se a questão do capacitismo, da inclusão e da importância de acolher e aprender com a experiência da alteridade.

Palavras-chave: Deficiência, Capacitismo, Alteridade. Dança.

RÉSUMÉ:

Cet article propose des réflexions sur les processus de transmission qui cherchent à englober la multiplicité des corps à partir de certains principes qui tiennent compte des particularités de chaque personne. Sur la base de l'expérience de l'auteur en danse avec des groupes de personnes *minorisées* et stigmatisées, la question du capacitisme, de l'inclusion et de l'importance d'accueillir et d'apprendre de l'expérience de l'altérité est discutée.

Mots clés: Handicap, Capcitisme, Altérité. Danse.

1. Professora do Curso de Graduação em Dança, Anamaria Fernandes desenvolveu, na França, um trabalho de dança com pessoas em situação de vulnerabilidade, deficiência, sofrimento mental ou com TEA durante 18 anos em diversas instituições. Sobre essa abordagem dirigiu cinco documentários, um vídeo-dança e escreveu o livro *TEARTE: Poéticas em dança e autismo*. anamariafernandes160@gmail.com

ENTRE O QUE É E O QUE SERÁ

Seguir os passos do outro, acompanhar seus desejos e, a partir deles, favorecer outras espacialidades. Ver no outro o que os nossos olhos não enxergam. Desconstruir nossas referências. Nos transformar-nos. Ao invés de impor, escutar. Ter mais perguntas do que certezas. Não ter medo da nossa própria vulnerabilidade, não ter vergonha do nosso não saber. Construir com ele. Ser mais poroso do que determinado. Criar com o inesperado, com os agenciamentos do instante. Ser cocriador de circunstâncias, facilitador de experiências.

Esses são alguns “nortes” do meu fazer que aprendi com pessoas que costumam ser vistas, até hoje, somente como indivíduos que precisam de tratamentos, de cura, de reabilitação e que, supostamente, nada teriam a oferecer – apenas a receber.

Pessoas categorizadas como “incapazes”, por não corresponderem ao que a maioria dominante espera, exige, demanda, mesmo que de forma implícita, nas entrelinhas de uma frase, de um olhar.

Nesta trajetória, experiência que ecoa em mim nas diferentes dimensões do meu ser, dancei com pessoas com deficiências intelectuais de diferentes níveis, pessoas com síndrome do espectro autista, pessoas com transtornos mentais, com síndrome de Down, deficiências físicas, pessoas em situação de vulnerabilidade.

Foi com elas, por meio do encontro com cada uma delas, que fui construindo, ao longo de muitos anos, uma certa forma de fazer, alguns princípios deste fazer.

Como nomear esse modo de trabalho que, priorizando o que surge no momento presente, pode, a qualquer momento, se desfazer do que havia sido previsto, de um plano de aula, de um certo conteúdo?

Poderíamos pensar em um método cujo motor seria o não método?

Etimologicamente, essa palavra é composta por dois vocábulos gregos: *metà* (“para além de”, “através, para”) e *odòs* (“caminho”). Por conseguinte, método seria um caminho através do qual se chega a um determinado fim. Já a palavra metodologia,

que é uma derivação da palavra “método”, traz também o vocábulo grego *logos*, que entre outros, de maneira simplista, quer dizer “estudo” e, neste sentido, significaria o estudo dos métodos, que visam uma determinada finalidade.

Desde há alguns anos, venho transmitindo a profissionais da saúde, da educação e a estudantes universitários essa tal *bricolagem*, que hoje chamo de *abordagem metodológica*. Não se trata de um método fechado e conclusivo, de um conjunto padronizado de estratégias destinadas a transmitir conteúdos, mas de um percurso movente, traçado pela experiência do encontro. A palavra abordagem traz consigo a aproximação, o fato de encarar uma situação e também o ato de entrar em um navio. Eu diria que o mais interessante nesta experiência é entrar em um navio que se aventura em águas desconhecidas para seu condutor. Aprender com as águas moventes tem sido, ao longo dessa trajetória um belo desafio!

Falemos um pouco da questão da finalidade, do pré-projeto. Não é segredo para ninguém que vivemos em uma sociedade estruturada pelo produtivismo. Pensa-se mais em quantidade do que em qualidade. Menos tempo, mais tarefas, mais metas, mais competição. Precisamos produzir e ser melhor do que o outro. Nossa medida é a medida do outro. Medida que se qualifica a partir de bases normativas e hegemônicas, que não levam em conta a pluralidade de corpos, de saberes, de formas de inteligência. Que não levam em conta corpos minorizados/as e o saber de suas experiências.

Importante dizer que, numa sala de aula, a particularidade de um sujeito pode dificultar ou, às vezes, inviabilizar a realização de certas atividades e isso não é, muitas vezes, algo tão simples de acolher como motor de criação de uma nova proposta. Ver em uma suposta limitação outras possibilidades de trabalho nem sempre é algo dado e demanda um grande desapego. Construir uma abordagem metodológica do instante demanda desconstrução, autocrítica e muito trabalho coletivo.

Não quero dizer com isso que na prática, dou sempre conta desse acolhimento de forma inteligente. Cometo erros, e tento humildemente aprender com eles.

Parece-me sobretudo importante lembrar algo que todos sabemos: independentemente de uma particularidade específica, cada um é único, singular, ímpar – como tão bem expressam, quase metaforicamente, as nossas impressões digitais. E o que qualifica realmente uma pessoa que foge do ordinário dominante é o seu modo *particular* de estar no mundo e não um rótulo genérico, impessoal, aplicável à “categoria”. Olhar a impressão digital do outro como um aventureiro que adentra numa floresta desconhecida e aprende com ela, é, ao meu ver, uma forma de desconstrução de modos operantes de um fazer colonialista e opressor.

Quais são, em nossas aulas, nossas finalidades – a partir das quais estruturamos nossos pré-projetos? O que esperamos do outro?

Parece-me que o desejo de resultados pré-determinados é algo presente em nossas práticas docentes, independentemente de qual seja o grupo para o qual elas se destinam. Parece-me que mais comumente, buscamos métodos eficazes, confiáveis, bem-sucedidos do que aqueles regados pela incerteza, por uma espécie de questão aberta.

Ao apresentar um plano de aula, seja ele em uma escola, universidade ou outra instituição, espera-se um plano com objetivos e metas eficientes. E é também assim que, muitas das vezes, ensinamos nossos/as estudantes a fazer, a planejar suas aulas. Em suas experiências de práticas docentes, avaliamos se eles/as cumpriram o conteúdo, as metas, o tempo pré-determinado.

Seria diferente pensar uma aula de dança para pessoas neurotípicas² e outra para um grupo composto por pessoas-

2. Termo atribuído à sujeitos que apresentam desenvolvimento e funcionamento neurológico típico, isto é, dentro dos padrões regulares. Em oposição, o termo *neurodivergente*, refere-se às pessoas do Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Síndrome de Tourette, Depressão, Dislexia, Esquizofrenia, entre outros. O termo *neuroatípico* é atribuído às pessoas do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por fim, o termo *neurodiverso* é utilizado para as todas as composições neurológicas humanas.

com deficiências ou por corpos mistos³?

A experiência de muitos anos ao lado de pessoas que fogem da maioria dominante, da *corponormatividade*⁴, trouxe-me algo que julgo precioso em sala de aula: a importância de compor com os agenciamentos do momento presente, da qualidade da presença de todos que compõem aquele espaço-tempo, a observação da constelação (GUATTARI, 2012) de cada sujeito, do seu desabrochar, do seu tempo específico, das suas necessidades. A partir desta escuta, me dou a liberdade de, se necessário, desconstruir o que havia previsto. O que, dentro da universidade nem sempre é bem visto por parte dos próprios estudantes pois espera-se, de um professor, o cumprimento de um cronograma pré-estabelecido. Ensinar a desconstruir é algo que tenho trazido sobretudo na disciplina Dança e Necessidades Especiais do Curso de Graduação em Dança da qual sou responsável e no projeto de extensão Arte e Diferença, coordenado por mim e pela professora Mônica Farid Rahme (FaE, UFMG).

Neste espaço de transmissão, procuro proporcionar a criação, por parte dos/as alunos/as, de abordagens metodológicas que fogem da perspectiva *capacitista* da nossa estrutura social.

Como ressalta Mello (2014, p.2), o *capacitismo* se materializa “através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no *capacitismo* discriminam-se pessoas com deficiência.”

O *capacitismo* encontra-se no mesmo prisma que os movimentos ligados a outras discriminações sociais como o racismo, o sexismo e a homofobia (MELLO, 2014).

3. Me inspiro aqui do conceito de contatos mistos de Goffman (1988) que diz respeito ao encontro de pessoas estigmatizadas e não-estigmatizadas.

4. A corponormatividade é um conceito que se relaciona às discussões que tangem as discriminações de pessoas com deficiência. São considerados corpos “normais” aqueles que não apresentam deficiências, sendo as deficiências, por conseguinte, vistas como falhas. Assim, um corpo sem deficiência é considerado um padrão a ser seguido. Fonte: <https://www.territoriodeficiente.com/2020/12/corponormatividade-deficiencia-voce-sabe.html>. Acesso em 08/02/2023.

Com foco no *capacitismo*, descredibilizam-se pessoas que são julgadas pelo que não são aptas a fazer, dá-se ênfase em suas limitações, na não realização do que a maioria dominante consegue e julga importante.

Pensem em nossos concursos, em nossas provas de aptidão. Não são todos eles guiados por uma forma de *capacitismo*?

Acredito que essas questões que fundamentam o trabalho com pessoas com deficiência são de grande relevância para questionarmos nosso fazer em outras esferas. É por isso que, entre outros, muito me incomoda o termo inclusão. Não que seja contra as leis inclusivas tão importantes e essenciais para uma sociedade mais igualitária. No entanto, a palavra por si só já remete à exclusão⁵. Mas essa crítica que faço à utilização desse termo mais uma vez não engloba a luta legítima e de suma importância de uma educação para todos, de um ensino que se constrói na experiência da diversidade de corpos. Sou inteiramente favorável às lutas pela acessibilidade em todos os âmbitos e pela escola dita inclusiva. Questiono, contudo, a utilização deste termo. Como muitos outros, este tem seu tempo de validade, e acredito que brevemente será inapropriado ao se pensar em diversidade.

A meu ver, ao propor uma aula de “dança inclusiva” distingo “Uns” dos “Outros”. “Uns” aceitariam, em “seus espaços”, os “Outros”. Mas quem são os proprietários legítimos desses espaços?

Muitas vezes, discursos e ações atrelados à dita inclusão são, a meu ver, realizados de forma colonialista, “como se ‘Uns’ soubessem o que seria melhor para os ‘Outros’, como se ‘Uns’ fossem os únicos detentores de territórios, de saberes” (VIANA, 2018, p.14) Como sustenta Estela Lapponi (2011, s/p) em seu Manifesto Anti-Inclusão,

5. Nota-se que a origem latina do termo “inclusão” remete à noção de fechamento (*Clausus* é o particípio passado do verbo *claudere* e significa fechado, confinado. *Claustra* é o fechamento, o lugar confinado, o recinto, e mesmo a prisão) (PLAISANCE, 2010, p. 35).

A Inclusão propõe hierarquia de capacidades.

A Inclusão é incapaz de ver e enxergar.

A Inclusão é incapaz de ouvir e escutar.

A Inclusão é simplesmente incapaz.

A Inclusão pressupõe passividade.

A Inclusão não interage.

A inclusão causa pena.

A inclusão é unilateral.

A inclusão exclui.

A inclusão isola.

Muitas vezes a ótica da dita inclusão, além de segregar e hierarquizar, traz a ideia de que a experiência de contatos mistos (GOFFMAN, 1988) é importante e enriquecedora somente para os grupos minorizados. Mais uma vez, como se essas pessoas não tivessem nada a dizer, nada a ensinar. Pouco se fala e pouco se pensa no quão essa experiência é enriquecedora para pessoas tidas como “normais”, que, com suas referências de corponormatividade, pouco experimentam novos fazeres, novas metodologias, novas estéticas com base na pluralidade de corpos.

Trago aqui algumas primícias do trabalho que desenvolvi e que vem me ajudado abarcar e abraçar a pluralidade de corpos. Espero que o compartilhamento dessas linhas também possa, de alguma forma, contribuir para a reflexão do assunto.

Uma delas é o desapego que, nessa proposta, parece-me ser um exercício contínuo, constante e difícil. Desapegar-nos do que se fixa em nós como protocolo, de objetivos e resulta-

dos pré-determinados, da armadilha de enrijecer a prática com métodos consumados, fechados, prontos antes mesmo do encontro com o outro. O desapego coloca-nos no espaço do que nos acontece, afeta-nos (LARROSA, 2001).

O desapego vem de mãos dadas com a receptividade que é uma demanda de silêncio, a calma do fazer, do agir. Receber o que o outro me dá. Receber o que o espaço me oferece. Colocar-se numa postura que acolhe o outro para compor e construir a partir dessa escuta, da geografia de relações que se estabelece.

A receptividade é curiosa, aberta, generosa. Está em nossa maneira de olhar, de escutar, de tocar. Ela está no que antecede os gestos e em cada gesto.

Esse estado de presença demanda uma escuta sensível. Escuta de si, que se dá pela experiência do silêncio interior; escuta do outro, que se dá pela observação, pela receptividade, curiosidade e desapego. Escuta do espaço, do corpo-espaço, do espaço dinâmico, que se dá pela atenção a tudo o que emana naquele espaço-tempo determinado. Escutar com a pele, escutar com o ventre, escutar a energia, o que escapa à linguagem explícita (VIANA, 2022).

O entendimento do acolhimento do múltiplo corrobora com o pensamento da pós-modernidade que coloca em questão, entre outros, ideias universalistas, verdades absolutas, a hierarquia da racionalidade como forma de inteligência, o constante, o calculável. A pós-modernidade dá lugar ao imprevisível, à instabilidade, à fluidez (BAUMAN, 2014), e, por tudo isso, à pluralidade de escolhas, de diferenças, de formas, de estéticas. A pós-modernidade é marcada, para HARVEY (1993), por um conjunto questionamentos durante os anos 80 no que diz respeito à modernidade em suas diferentes áreas (arquitetura, urbana, arte, filosofia, teologia, etc.). Segundo ele,

Por meio do primeiro (materialismo histórico), podemos compreender a pós-modernidade como uma condição histórico-geográfica. Com essa base crítica, torna-se

possível lançar um contra-ataque da narrativa contra a imagem, da ética contra a estética e de um projeto de Vir-a-Ser em vez de Ser, buscando a unidade no interior da diferença, embora um contexto em que o poder da imagem e da estética, os problemas da compreensão do tempo-espaço e a importância da geopolítica e da alteridade sejam claramente entendidos (HARVEY, 1993, p. 325).

Da sabedoria das árvores, que passaram por eras, gerações e diferentes tempos, trago algumas que parecem nos servir. As árvores, quando nascem e crescem em seus ambientes naturais, trocam nutrientes, informações e se ajudam, como nos ensina WOHLLEBEN (2017):

Cada árvore é valiosa e deve ser mantida viva o máximo de tempo possível. (...) Se todos os espécimes só cuidassem de si, grande parte morreria cedo demais. (p.09). (...) Constatou-se que as árvores igualam os pontos fracos e fortes entre si. Não importa se têm o tronco grosso ou fino: todos os espécimes produzem a mesma quantidade de açúcar por folha. Esse nivelamento acontece nas raízes. (p.17). (...) o bem-estar do grupo depende da comunidade, e, quando os membros supostamente fracos desaparecem, os outros também saem perdendo. A floresta fica mais exposta e o sol quente e as tempestades de vento alcançam o solo, interferindo na umidade e na temperatura ideal. (p.18)

Assim como as árvores precisam umas das outras, acredito que precisamos uns dos outros para florescer. Precisamos da nossa biodiversidade, da alteridade para enriquecer nosso ecossistema, precisamos de mais humildade para aprender com o que nos é diferente. Nosso bem-estar não depende só do que fazemos para nós mesmos, mas para o espaço que construímos e do qual todos fazemos parte.

Muitos de nós, *normopatas*⁶, temos a errônea impressão de que somos inabaláveis, de que a fragilidade, a vulnerabilidade mora ali no outro, longe de nós. Mas basta uma ventania para que as raízes frágeis se descolem da terra. Ainda da sabedoria das árvores, interessante saber que aquelas plantadas, e não aquelas que nascem naturalmente de sementes no solo, têm suas raízes danificadas de forma permanente e, “em geral, se comportam como indivíduos solitários”, o que lhes causa várias dificuldades (WOHLLEBEN, 2017, p.17).

Desconsideramos com frequência esse tempo dos húmus, da decomposição, dos restos, do que nos agrega quando depositamos no solo o que temos de supérfluo, de superficial. Acreditar nas potencialidades de cada broto, é cuidar destes húmus que nos nutre, é se sentir pertencente e responsável pela obra da vida. É contribuir para que cada semente tenha seu espaço e que cada uma delas possa brotar no seu tempo. Essa não é só a responsabilidade de leis, é a implicação de cada um/a de nós, em todas as relações que estabelecemos.

Diz Clarissa Pinkola (2007) que

Para que uma árvore continue a crescer e a florir, ela precisa de “células ponte”, células poderosas que, em cada galho, se unem e protegem o local onde se encontram a velha madeira vigorosa e a nova madeira vulnerável (...). (...)elas têm um papel essencial na relação entre o que é e o que será⁷.(s/p. 2007)

Quando a madeira vulnerável se torna vigorosa, essas tais células poderosas se deslocam, para fazer a ponte com um novo galho, um novo ramo...

6. Jean Oury, psiquiatra e psicanalista francês que ajudou a fundar a escola de psicoterapia institucional, salienta que enquanto “normosés”, “normopatas”, vivemos presos, confinados em teia de alienação na qual o mundo é “inteiramente construído, institucionalizado, controlado pelo Estado, com uma imensidade de coisas planejadas com antecedência, onde não existe realmente o aberto” (1989. p. 37).

7. Trecho da Introdução. Tradução do autor.

Processos de transmissão não podem ser pensados, ao meu ver, como algo consumado, como receitas eficazes e que atropelam ramos escondidos entre as folhas. O que será depende do que somos. E assim como as árvores que se protegem transmitindo informações umas às outras, precisamos nos unir e proteger, aprender uns com os outros com respeito e humildade.

Nós, *normopatas*, *neurotípicos*, não temos que *dar voz* aos diferentes setores de grupos minorizados e estigmatizados. Precisamos é fazer silêncio e escutar suas falas, cantos, sussurros e gritos. Precisamos aprender a falar do nosso lugar de experiência com humildade, e aprender com a experiência da diversidade que vem da alteridade. Acredito que, assim, temos mais chance de ver a beleza da biodiversidade do ecossistema humano, que vai bem além do nosso próprio umbigo. Acredito também que o desabrochar deste olhar permite outras possibilidades de devir, outra postura em nossas geografias de relações, que, muitas vezes, têm papel fundamental entre o que é e o que será⁸.

8. Parafraseando Clarissa Pinkola (2007).

REFERÊNCIAS

HARVEY, D. Pós-modernismo. In: . *Condição pós.moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

LAPPONI, Estela. Manifesto Anti-Inclusão parte_1. *Zuleika Brit*, 2018. Disponível em: <http://zuleikabrit.blogspot.com/2015/06/manifesto-anti-inclusao.html>. Acesso em: 4 ago. 2018.

LARROSA, Bondía, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPINAS, 1., Campinas, 2001. [Conferência]. Campinas, 2001. (Leituras SME).

PETITMENGIN, Claire. *L'expérience intuitive*. Paris: L'Harmattan, 2001.

PINKOLA ESTES Clarissa. *La danse des grand-mères - Sur la jeunesse de l'âge mûr et la maturité de la jeunesse*. Editorial: Grasset, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Stigmates, les usages sociaux des handicapés*. Paris: Les éditions de Minuit, 1975.

GUATTARI, Félix. *Leros de La Borde*. Lines: Nouvelles Editions, 2012.

MELLO, Anahí Guedes de. *Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*, 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFSC- Santa Catarina.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores*. Editora: Sextante, Rio de Janeiro; 1ª Edição, 2017.

VIANA, Anamaria Fernandes. Olhos meus. *Pitágoras 500*, Campinas, v. 8, n. 2, p. 72-88, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8653875>. Acesso em: 28 jan. 2021.

VIANA, Anamaria Fernandes. *Tearte. Poéticas em Dança e Autismo*. Editora Appris: Curitiba, 2022.